

TEMAS PARA OS PRÓXIMOS NÚMEROS

CONCÍLIO VATICANO II

A MULHER NA IGREJA E NO MUNDO

AINDA O DIÁLOGO RATZINGER/HABERMAS

CRISTIANISMO E EUROPA

FÉ E CIÊNCIA

CELEBRAÇÕES E REENCONTROS:

SCHILLER, TOCQUEVILLE, ORTEGA, MOUNIER,

EGAS MONIZ, CLAUDEL, VON BALTHASAR

PREÇO: 15 €  
IVA INCLUÍDO  
ISSN: 1645-8788

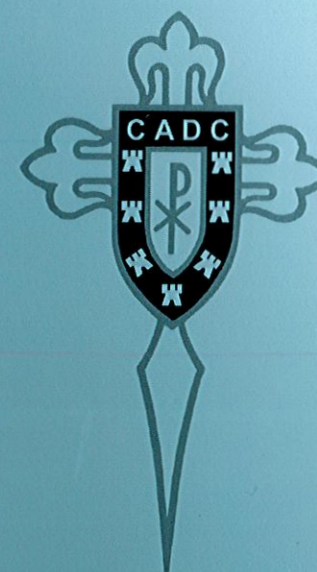
NOVA SÉRIE N.º 4

ESTUDOS — CADC

COIMBRA 2005

# ESTUDOS

REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ



EUCARISTIA

JOÃO PAULO II E BENTO XVI

MEMÓRIA DA IRMÃ LÚCIA

ECOS DO DIÁLOGO RATZINGER/HABERMAS

CRISTIANISMO E EUROPA

FÉ E CIÊNCIA

PROBLEMÁTICA DA UNIVERSIDADE

ÉTICA E PESSOA

RICOEUR, EINSTEIN, SOPHIA, RUBEN A.

ARTES

CADC NA HISTÓRIA

NOVA SÉRIE N.º 4  
COIMBRA | JUNHO 2005





10  
31  
19  
1

# ESTUDOS

Revista do CADAC

Nova Série 4

ESTUDOS  
REVISTA DO CENTRO ACADÉMICO DE DEMOCRACIA CRISTÃ  
NOVA SÉRIE

REVISTA SEMESTRAL

DIRECTOR  
José Carlos Seabra Pereira  
(presidente@cadc.pt)

DIRECTORES ADJUNTOS  
António Manuel R. Rebelo  
João Carlos Loureiro

CONSELHO DE REDACÇÃO  
Alexandre Pinto  
Isaías A. Hipólito  
Jairzinho Lopes Pereira  
Joana Brites

ICS | 124 425

EDIÇÃO E PROPRIEDADE  
Centro Académico de Democracia Cristã  
(CADC)  
<http://www.cadc.pt>  
cadc@cadc.pt

NIC | 506 636 690

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Couraça de Lisboa, 30  
Apartado 3024  
3001-401 Coimbra

CORREIO ELECTRÓNICO | estudos@cadc.pt

TELEFONE | 239 822 483

FAX | 239 841 585

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Gráfica de Coimbra

Janeiro-Junho de 2005

TIRAGEM  
1000 exemplares

NÚMERO AVULSO 15 €  
ASSINATURA ANUAL | (2005) 20 €  
ASSINATURA DE ESTUDANTE 10 €  
ASSINATURA DE APOIO 30 €

ISSN | 1645-8788

DEPÓSITO LEGAL | 204341/03

Agradecimento à colaboração prestada pela SOPORCEL.

ÍNDICE

EDITORIAL – José Carlos Seabra Pereira ..... 7

EUCARISTIA

A CARTA APOSTÓLICA «FICAI CONNOSCO SENHOR» DE JOÃO PAULO II A APROÓSITO DO ANO DA  
EUCARISTIA – Padre João Lavrador ..... 13  
A EUCARISTIA NA NOSSA VIDA – César das Neves ..... 17

JOÃO PAULO II

ALGUNS ASPECTOS DO LEGADO DO PAPA JOÃO PAULO II – Bispo Emérito D. João Alves ..... 29  
SAUDADES DE PORTUGAL A S.S. JOÃO PAULO II – António Moreira Barbosa de Melo ..... 39  
GRATIDÃO DE COIMBRA A JOÃO PAULO II – Carlos Encarnação ..... 45  
DE JOÃO PAULO II A BENTO XVI – António Maria M. Pinheiro Torres ..... 47

CRISTIANISMO E EUROPA

BENTO XVI – UM NOME E UM PAPA DA EUROPA PARA O MUNDO – António Manuel R. Rebelo ... 55  
CRISTIANISMO, O FUNDAMENTO NEGADO – Giovanni Reale ..... 89

IRMÃ LÚCIA

A IRMÃ LÚCIA – A MEMÓRIA QUE DELA TEMOS – Irmã Maria Celina de Jesus Crucificado .... 97  
A MORTE DA IRMÃ LÚCIA – José Geraldês Freire ..... 121

FÉ E CIÊNCIA

DESAFIOS (DE) CARDEAIS: DE NOVO A QUESTÃO DAS ORIGENS – João Carlos Loureiro ..... 159  
VERDADE DO CRISTIANISMO? – Cardeal Joseph Ratzinger ..... 183  
VISLUMBRAR DESÍGNIO NA NATUREZA – Cardeal Christoph Schönborn ..... 197  
A DIVINA CRIAÇÃO ALEATÓRIA – Padre George Coyne, sj ..... 201



## CARDEAL JOSEPH RATZINGER / JÜRGEN HABERMAS

O CARDEAL RATZINGER SOBRE O DIÁLOGO DA IGREJA CATÓLICA COM AS OUTRAS RELIGIÕES E COM O ESTADO – José Sousa Brito .....	209
PLURALISMO E METAFÍSICA NO ENCONTRO DE RATZINGER COM HABERMAS – F. Sarsfield Cabral .....	217
OS DIÁLOGOS DO PAPA. O ELOGIO DO DIÁLOGO E A BOA VONTADE – Mário Pinto .....	225

## UNIVERSIDADE

A IDEIA DA UNIVERSIDADE – Cardeal John Henry Newman .....	231
A UNIVERSIDADE LIBERAL E A LIBERDADE DE ENSINO UNIVERSITÁRIO. UMA REVISITAÇÃO DA IDEIA DE UNIVERSIDADE DE NEWMAN – Luísa Leal de Faria .....	239
AUTONOMIA E AUTO-GOVERNO DA UNIVERSIDADE – Júlio Pedrosa .....	249

## ÉTICA E PESSOA

PELA VIDA, CONTRA O ABORTO: RESPOSTAS E ARGUMENTOS – Pedro Vaz Patto .....	261
O PRIMADO DA PESSOA NAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE – Luísa Portocarrero .....	285

## EFEMÉRIDES E RECONHECIMENTOS

PAUL RICOEUR (1913-2005). FRAGMENTOS DE UM ITINERÁRIO FILOSÓFICO – Michel Renaud .....	303
PARA UMA ESTÉTICA HERMENÉUTICA. NOTAS SOBRE A ESSÊNCIA E A FUNÇÃO DA OBRA DE ARTE EM PAUL RICOEUR – Paulo Vale .....	311
EINSTEIN E A RELIGIÃO – Carlos Fiolhais .....	323
DEUS, EINSTEIN E A CIÊNCIA. A FÉ DO VELHO ALBERTO – Enzo Romeo .....	331
SOPHIA – POÉTICA E ESPIRITUALIDADE – José Carlos Seabra Pereira .....	337
A SOPHIA DA LIBERDADE – João Carlos Loureiro .....	359
COIMBRA À MINHA PROCURA: O PERCURSO COIMBRÃO DE RUBEN A. – Carlos Santarém Andrade .....	371
A II GRANDE GUERRA RETRATADA NA REVISTA ESTUDOS – Padre João Lavrador .....	405
PEDRO HISPANO PORTUGALENSE (NO OITAVO CENTENÁRIO) – A. M. Meyrelles do Souto .....	419

## ESCRITOS

JORGE DE LIMA – EM BUSCA DE UM DEUS DE MISERICÓRDIA – Maria Manuela da Costa Santos .....	433
O DOGMA DA INFALIBILIDADE PONTIFÍCIA VISTO NA REVISTA ECHO DE ROMA – Jairzinho Lopes Pereira .....	457

## ARTES

ÓRGÃO E MARIMBA NA LINGUAGEM MUSICAL DE JEAN GUILLOU – Giampaolo di Rosa .....	481
NONO DIA”: A CONSCIÊNCIA CRISTÃ E A REJEIÇÃO DO COLABORACIONISMO COM OS NAZIS – António Manuel Ribeiro Rebelo .....	489
REINO DOS CÉUS – Padre Francisco Rebelo, SSP .....	497

## CADC NA HISTÓRIA

NAS ORIGENS DO C.A.D.C. – Isafas A. Hipólito .....	503
--	-----

## VIDA DO CADC

ATIVIDADES REALIZADAS/2004 .....	519
----------------------------------	-----

## EDITORIAL

Com Cristo tudo começa de novo!

Assim o entendeu João Paulo II, assim o entende Bento XVI, assim vivemos nós a partida de João Paulo II para Deus e a eleição de Bento XVI para o ministério petrino.

Guiados por ambos os pontífices nos desígnios comuns de aprofundamento aferido da recepção do Concílio Vaticano II, de lançamento da nova evangelização, de promoção da unidade dos cristãos, de atitude ecuménica e diálogo intercultural e inter-religioso, comprometemo-nos na Igreja militante com a esperançosa convicção de contribuirmos para a concretização de tais desígnios e cultivamos em Igreja a virtude da Esperança sustentada pela fé na Promessa e na Aliança.

Um dos nexos que já transparece entre a condução dos pontificados de João Paulo II e de Bento XVI reside no princípio, que à missão dos *Estudos* e do CADC importa sobremaneira, de *confiança na razão* e de *racionalidade da confiança*: confiança na razão falível, mas orientada para a Verdade (não meramente consensualista, mas objectiva, e como tal não plenamente atingível, embora não menos teleologicamente decisiva); racionalidade da confiança nas fontes e nos meios plurais facultados por Deus ao intelecto humano para aceder a esse princípio de Verdade.

Outros nexos que ressaltarão entre o magistério de João Paulo II e o de Bento XVI serão seguramente o da evangelização da cultura (na própria aculturação intérmina do Cristianismo) e o da evangelização da política, numa comum frente de reacção e alternativa aos tropismos da anomia ética.

Na senda do alerta de Paulo VI, os intelectuais católicos foram interpelados e encaminhados por João Paulo II para o esforço apostólico de recuperar a presença do Cristianismo na cultura. Certo de que uma fé que não se converte em cultura fica uma fé não plenamente acolhida e imperfeitamente vivida no pensamento e na vontade do coração, João Paulo II deu-nos – pelo diálogo com as pessoas e as instituições mais influentes na orientação do ambiente cultural, pela prodigalização de intuições para novas sínteses culturais, pela multiplicidade de intervenções em prol do discernimento de legítimas aspirações e de imprescritíveis limites – o exemplo do que tem de ser essa presença *ab imo* do



Cristianismo quer na cultura entendida no lato sentido antropológico e sociológico (sistema de formas de mentalidade e modos de vida comunitários), quer no sentido restrito de tradição e campo das manifestações superiores do Homem no pensamento e na criatividade artística.

Os *Estudos* pretendem continuar, como desde a primeira hora, a integrar-se no espírito dessa presença (iluminante e conformadora, catalítica e estruturante) do Cristianismo no seio da Cultura – desde logo praticando e promovendo o diálogo que, também nesse domínio, entendemos como partilha de dons.

Por outro lado, na maravilhosa irradiação de um pontificado que, no quadro da fuga ao engodo das abstrações, se norteava pelo amor às pessoas humanas (e não pelo demagógico incensar da Humanidade), João Paulo II muito nos deu para recuperarmos o sentido do *justo na Cidade* e para realizarmos a dignificação do político pela alta função moral de *construção da História*, no respeito pela identidade (aberta) das comunidades nacionais e na subordinação às exigências decorrentes do fundamento primeiro do político – a indeclinável e inderrogável dignidade de cada pessoa humana (que em si traz gravada a imagem de Deus).

Há que actualizar, em autêntica aventura cristã, o lema de Leonardo da Vinci – *saber mais para amar mais* –, pois que, como ensina Bento XVI em texto que adiante publicamos, o que desde os seus primórdios e até hoje distingue o Cristianismo enquanto *religio vera* é o facto de nele coincidirem a consciência cognoscente e a generosidade amorosa.

Perfilhando a orientação de autonomia dialógica da Fé e da Ciência, sem abusivas extrapolações do alcance da Revelação nem rendições teológicas ao naturalismo cientista, os *Estudos* continuam a difundir contributos de relevância cognitiva numa articulação anti-reducionista de Ciência e de Fé, a propósito dos problemas da Criação e da evolução.

Tal como, reconfortados pelo discurso iluminado de *Splendor Veritatis* e de *Fides et Ratio*, nos batemos contra a vertigem do niilismo e do relativismo contemporâneos, também na senda da exortação apostólica *Ecclesia in Europa* e de outros textos afins de João Paulo II e de Bento XVI, continuamos a evidenciar a alma relação de Cristianismo e Europa contra a disseminação da apostasia silenciosa na cultura e na sociedade europeias.

Procuramos caminhar tão atentos à nossa circunstância histórico-cultural quão sintonizados com o ritmo espiritual da vida eclesial. Por isso, neste volume de *Estudos* edificamo-nos com o mistério sacramental da Eucaristia, robustecemos o espírito de piedade e missão com as evocações de João Paulo II e da Irmã Lúcia, abrimos um espaço de debate de ideias a partir do retumbante diálogo entre o Cardeal Joseph Ratzinger e o filósofo Jürgen Habermas sobre os fundamentos do político, ao mesmo tempo que prosseguimos com o trabalho de

reflexão e proposta em torno da problemática da Universidade; e, em dilatada secção de efemérides, homenageamos o filósofo Paul Ricoeur e a poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, recentemente falecidos, assinalamos o centenário de Einstein, reencontramos o escritor Ruben A., etc.

Quando, pelo Pentecostes de 1935, dois dos maiores poetas brasileiros da modernidade – Jorge de Lima e Murilo Mendes – publicam o livro conjunto *Tempo e Eternidade*, Tristão de Ataíde e a melhor crítica literária puderam saudar na colectânea de poemas e de pequenos dramas «uma desforra memorável do Espírito contra a pieguice e a sensualidade» e a oportunidade histórica desse abalo que na cultura «do convencionalismo literário ou do naturalismo» provocava aquela prova de que «não há mais alta inspiração para a arte do que o verdadeiro cristianismo católico».

Com «sua grave inspiração moderna», *Tempo e Eternidade* constituía-se em primeiro acto de realização do projecto de renovação espiritual da cultura (e da ética, e da vida social) pela via do belo que na arte literária nos interpela. Esse projecto obedecia a um lema, então consagrado como subtítulo do livro: RESTAUREMOS A POESIA EM CRISTO.

Neste limiar do volume em que se insere importante estudo sobre o poeta Jorge de Lima – expoente da consciência poética do admirável movimento euro-americano de renovação doutrinária e existencial do Catolicismo moderno (liturgia, estudos bíblicos, acção social), sob o magistério eclesial derivado de Leão XIII –, a revista *Estudos*, também empenhada a seu modo, como órgão do CADC, em contribuir para a recapitulação em Cristo de toda a criatividade cultural, não pode deixar de evocar o rastro luminoso daquele lema e de alertar para quanto falta cumprir daquele projecto – que nos nossos dias ganha renovada pertinência, tal como (também aí!) o magistério de João Paulo II nos orientava, apelando com a *Carta aos artistas* de 1999 ao reforço da aliança entre o Evangelho e a arte que pode tornar «o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus».

*José Carlos Seabra Pereira*



## DEUS, EINSTEIN E A CIÊNCIA A Fé do **Velho Alberto**\*

*Enzo Romeo*\*\*

“Deus não joga aos dados”, defendia o Prémio Nobel, autor da teoria da relatividade. Apesar da sua profissão de ateísmo, Einstein sempre teve um grande respeito pelo “mistério” do divino. Tal como tantos outros seus colegas cientistas.

Sobre o fogão da sala dos professores de Fine Hall, a primeira e mais antiga sede da matemática na universidade norte-americana de Princeton, estava escrita uma frase em alemão que Albert Einstein costumava repetir com frequência: “Raffiniert ist der Herr Gott, aber boshaft ist Er nicht” (“Sútil é o Senhor, mas não malicioso”). O pai da teoria da relatividade, na verdade, sempre procurou negar que Deus jogasse aos dados com a natureza, mas admitia que todo o universo se submete a uma harmonia superior. “A harmonia mais bela que podemos ter é a noção do mistério”, afirmava. E acrescentava que o mistério é “a emoção fundamental que acompanha o nascimento da arte autêntica e da verdadeira ciência”. Aquele que não conhece esta emoção jamais poderá experimentar a admiração e a maravilha; e é, dizia Einstein, “como se estivesse já morto e os seus olhos incapazes de ver”.

Não são frases irrelevantes para alguém que se obstinava em dizer-se ateu. Para nós, leigos, são precisamente estas frases, ainda mais do que a teoria da relatividade, que nos suscita a nostalgia pelo velho Alberto. Morreu a 18 de Abril de 1955, cinquenta anos atrás, mas os seus cabelos desgrenhados, a sua língua de fora, os seus olhitos vivos e irónicos permanecerão para sempre um ícone da inteligência humana, como a barba de Leonardo ou a elegância de Newton. Quem crê em Deus pode dizer, em certo sentido, que, graças a

\* Artigo publicado na revista *Jesus*, n.º 4 (Abril) de 2005. Tradução de Manuel Ferro.

\*\* Jornalista da RAI (chefe de redacção e enviado especial), Vaticanoista.



Einstein, há a confirmação de que o Criador é infinito e eterno, precisamente porque não existem nem o tempo, nem o espaço absolutos.

Exactamente há um século atrás, aos 26 anos, quando formulou as suas famosas hipóteses, Einstein era um obscuro empregado da repartição de patentes de Berna. Enviou às mais prestigiadas revistas científicas os lendários artigos sobre os *quanta* de luz e o efeito fotoeléctrico, sobre a teoria estatística do movimento browniano, sobre a electrodinâmica dos corpos em movimento...

Convenceu o presidente americano Roosevelt a apoiar a investigação atómica, mas, depois, arrependeu-se: “O maior erro da minha vida!”.

Mas ninguém se apercebeu de imediato do valor revolucionário daquele material. Einstein refaz-se em 1921 com o Nobel e com a cátedra nos Estados Unidos, longe da loucura nazi, que, na Europa, eliminará milhões de judeus como ele. A casa na Alemanha, onde nasceu em 1879, na Bahnhofstrasse de Ulm, será destruída em 1944 pelos bombardeamentos, mas ele, já há muito, havia decidido tornar-se cidadão do mundo.

Pacifista convicto, abriu os olhos ao presidente americano Roosevelt acerca das potencialidades da investigação atómica. “Foi o maior erro da minha vida!”, disse amargamente depois do lançamento da bomba sobre Hiroshima. Em 1952, recusou a presidência de Israel, que lhe foi oferecida: não renegava o sentimento nacional hebraico, mas pretendia permanecer fiel aos seus ideais supranacionais. Em qualquer caso, não se poupou a denunciar o anti-semitismo e as outras formas de racismo e opressão. Um dos seus motes mais recitados era: “É mais difícil destruir um preconceito do que um átomo”.

Seguindo as pegadas de Einstein (“Deus não joga aos dados”), o matemático francês André Weil afirmou com um aparente paradoxo: “Deus existe porque a matemática é coerente, e o demónio existe porque não podemos demonstrar que o seja.” Talvez não seja por acaso que um dos génios matemáticos contemporâneos, Alexandre Grothendieck, ex-professor no Instituto de Altos Estudos Científicos, próximo de Paris, tenha abandonado a sua actividade docente e viva numa aldeia perdida dos Pirenéus, obsesionado pelo diabo, que discerne em acção em cada canto do mundo, empenhado em destruir a harmonia divina. Para além disso, Grothendieck considera que o diabo é o responsável pela mudança da velocidade da luz, do valor redondo de 300 000 km/s para o “terrível” e imperfeito de 299, 887 km/s.

Voltando a André Weil, a sua história pessoal é outra demonstração de quanto a matemática e o desejo de Deus estão próximos. Weil divide-se entre o estudo da matemática e o estudo do sânscrito, atraído pelos textos dos místicos indianos. Em particular, o poema épico *Bhagavad-Gita*, o canto de Deus contido no *Mahabharata*, fascina-lo-á por toda a vida. Mudando-se para a Índia,

em 1930, ensinou na Universidade muçulmana de Aligarh, próximo de Delhi, e conheceu Gandhi. A experiência indiana fê-lo tornar-se um pacifista convicto e, ao retornar à Europa, ao rebentar a Segunda Guerra Mundial, arriscou a pena capital ao recusar-se a responder ao recrutamento.

Já há muitos séculos que os cabalistas tinham intuído que os cálculos numéricos constituem um percurso para chegar à alma da lei da Torah. O misticismo da Cabala atribui um valor numérico a cada letra do alfabeto hebraico: as palavras são uma alegoria que esconde uma realidade invisível, divina, que só pode ser colhida através dos símbolos.

Deus teria criado o Cosmos através dos “trinta e dois caminhos da Sapiência”, que são os dez *sefirôth*, isto é, números ou esferas, e as vinte e duas letras do alfabeto.

De resto, no livro da Sapiência, o autor dirige-se a JHWH como aquele que “tudo dispôs com medida, cálculo e peso” (11, 20). Daqui a célebre representação de Deus com o compasso na mão, prestes a fazer sair o mundo do caos primordial e a dar-lhe forma e ordem. Forçando a barra, houve quem utilizasse a Bíblia como um tratado de alquimia: Paracelso, no século XVI, falava no *Mysterium Magnum*, um Deus força primitiva e essencial, na origem dos três elementos fundamentais, o enxofre, o mercúrio e o sal. Aí se encontram sugestões que alimentaram seitas e movimentos, como os Rosa-Cruz, com a sua busca da pedra filosofal e do Santo Graal, o cálice com o sangue de Cristo, capaz de dar a imortalidade ao homem, e que contribuíram para criar teorias como a do “Códice do Génesis”, a pretensa descoberta de mensagens e profecias ocultas no texto da Bíblia (teoria de resto cientificamente desmontada recentemente por um matemático, Persis Diaconis, docente da Universidade de Stanford).

Ainda no início do século XVII, alguns eruditos proclamavam o carácter sacro da matemática, considerada como a via que permitia ao homem aproximar-se de Deus. O P.<sup>o</sup> Marin Marsenne, da Ordem dos Mínimos, em 1626, convidava, a partir de Paris, os pregadores a tomarem as regras matemáticas como tema dos seus sermões. E, aplicando a ciência à teologia, propunha-se resolver problemas bizarros como, por exemplo, o cálculo da graça de que beneficiou Nossa Senhora, segundo a progressão geométrica, ou quanto tempo seria necessário para se propagar por toda a Terra o som da trombeta do anjo do Senhor no dia do juízo final.

O cientista Leonardo Eulero chegou a traduzir a existência de Deus mediante uma fórmula matemática, o que deixou estupefacto o iluminista Diderot.

Conta-se que no século XVIII, o matemático suíço Leonardo Eulero chegou a traduzir a existência de Deus através da seguinte fórmula: *Senhor; (a + b<sup>n</sup>)/n=x*.



Eulero, que vivia em S. Petersburgo, na corte dos Czares, tinha-se visto envolvido, por acção de Catarina, a Grande, numa disputa com o filósofo ateu francês Denis Diderot, o qual, além do mais, considerava a matemática inútil e prejudicial, porque, segundo ele, não acrescentava nada à experiência humana e interpunha um véu entre os homens e a natureza. Eulero quis vingar-se, inventando aquela fórmula, que pronunciou diante de toda a corte reunida. Parece que Diderot, face a uma “verdade” anunciada com uma solenidade tão impetuosa, terá sentido vacilar, pela primeira vez, as suas certezas.

Depois do processo de Galileu, com as teorias de Newton e Leibniz, o infinito deixou de ser considerado simplesmente como uma entidade metafísica, mas passou a ser entendido como uma noção, o fruto de um cálculo. Todavia, o universo sem limites revelado aos iluministas parece, em última instância, ainda mais espantoso, necessitando de um esteio espiritual. Numa tarde de 1820, o jovem Federico Ozanam, futuro fundador da Sociedade de São Vicente de Paula, surpreendeu André Maria Ampère enquanto recitava o rosário na igreja parisiense de Saint-Étienne-du-Mont. O físico — que deu o nome à unidade de medida da corrente eléctrica — ao regressar de uma sessão no seu instituto tinha-se detido numa paróquia para rezar juntamente com os fiéis do bairro. É como se o homem, nas vestes de cientista, tivesse colhido pela segunda vez o fruto proibido da árvore da sabedoria e se encontrasse novamente nu e perdido. A ciência, os números não tinham anulado o Cristianismo, se bem que lhe tivessem mudado a abordagem: menos misteriosa, mas mais íntima com Deus.

O cientista, em particular o físico matemático, é alguém que jamais aceitará o lema cunhado no fim do século XIX pelo fisiólogo Emil du Bois-Reymond para demonstrar os limites da compreensão do homem: “Ignoramus et ignorabimus”, não sabemos e continuaremos a não saber. E isto vale também perante o mistério divino. Na primeira metade do século passado, o matemático de Cambridge G. H. Hardy enviava postais aos amigos e colegas, revelando o seu propósito de “encontrar um argumento que justificasse a não existência de Deus e que convencesse o grande público”. Este exercício impossível foi perseguido durante toda a vida por Hardy e era talvez precisamente ali — no sentido da incompletude que o estudioso não conseguia alcançar — que se escondia aquele Deus obstinadamente negado.

O duelo pessoalíssimo travado entre o matemático inglês e o Omnipotente teve aspectos cómicos: convencido de que Deus tudo faria para lhe arruinar os seus dias, Hardy seguia as amadas partidas de cricket, trazendo vestido quatro camisolas de malha e levando consigo o chapéu de chuva, assim como um maço de papel com cálculos por concluir. A quem lhe chamava a atenção para o sol que fazia e que aquele não era o momento de trabalhar, Hardy respondia que estava tentando enganar Deus: devia fazer-lhe crer que esperava que chovesse, de modo a poder completar o trabalho que tinha debaixo do braço. Deus, seu

inimigo declarado, teria então disposto o contrário, fazendo brilhar o sol e, assim, a partida teria sido salva. Apesar do seu suposto inábil agnosticismo, Hardy escreveu: “A ‘Imortalidade’ talvez seja uma palavra ingénua, mas um matemático tem mais probabilidades do que qualquer outra pessoa para alcançar aquilo que esta palavra designa”.

Nos inícios do Século XX, o genial matemático Ramanujan dizia que uma equação não significa nada se não exprime um pensamento de Deus.

Precisamente graças a Hardy, em 1914, chegou a Cambridge, vindo da Índia, um jovem e genial matemático, Srinivasa Ramanujan. O professor Hardy, desejoso de demonstrar a não existência de Deus, foi atraído por aquele rapaz de Madrasta que afirmava: “Uma equação não tem qualquer significado para mim se não exprime um pensamento de Deus”. Ramanujan era, na realidade, um brâmane observante e defendia que as ideias matemáticas lhe eram transmitidas em sonho pela deusa Namagiri, protectora da sua família e consorte do deus leão Narasimha, quarta encarnação de Vishnu. O que quer dizer que a matemática também tem os seus místicos.

Poder-se-à falar de uma “teologia dos números”? O matemático francês do século XVIII Jean-Baptiste Le Rond D’Alembert respondia do seguinte modo àqueles colegas desalentados que questionavam os fundamentos da disciplina: “Ide em frente e a fé vos chegará”. Um pressuposto muito próximo do de Santo Agostinho, quando o Bispo de Hipona afirma que se deve primeiro crer e, depois, compreender. Como o teólogo, o cientista procura compreender aquilo que não vê, mas que sente que existe; tenta demonstrar o intangível, dar forma ao caos aparente, provar que nada acontece por acaso, mas que tudo tem a sua lógica.